



NEBULOSA E FERROZ

Crítica do espetáculo *despedida*, dirigido por noite abissal e Sol Negro, e apresentado no âmbito da 35ª Semana Luís Antônio Martinez Corrêa

Por Mariana de Oliveira Arantes

Quais assuntos dialogamos com todas as pessoas? E quais assuntos restringimos às pessoas específicas?

Com quem você conversa sobre todos os assuntos?

Com quem você conversa sobre a morte?

No espaço restrito, na proximidade aos outros, as atrizes noite abissal e Sol Negro surgem em cena dialogando sobre os movimentos.

No centro, no chão, uma oferenda vai sendo composta. Os gestos direcionados a ela refletem a sincronia entre as atrizes, um diálogo sincero sobre as subjetividades, os sonhos, os medos e a coragem.

Um aspecto que se destaca na peça: é preciso acompanhá-la lado a lado; na composição cênica isso fica evidente. Isto é, todos os gestos são realizados duplamente: quando as duas atrizes estão em pé e conversando, quando executam uma música, quando sentam e rememoram, quando distribuem ao público a chave da vida e da morte. As breves situações apresentadas suscitam o seguinte questionamento: para onde vão nossos movimentos? Resultam na morte, que não é um fim, o tempo é cíclico, e não um ponto de partida destinado a uma chegada. O que importa é com quem estamos no trajeto. Com quem partilhamos o caminho.

As falas das personagens não são objetivas, elas abrem os caminhos; os diálogos sugerem e despertam os nossos pensamentos. Até porque o silêncio é alternado por momentos de sonoridade, então é dado ao público a possibilidade de assentar algumas percepções que foram lançadas pelas atrizes, antes que elas retomem o diálogo ou a música.

Acredito que a palavra que melhor representa a sensibilidade desse espetáculo seja “percepção”. Há um convite genuíno para estar ali e ver os movimentos de duas amigas que sabem encarar a ideia de morte, ou melhor, ressignificar a ideia de morte.



A estrutura que abarca esse conteúdo é também dual. Antes das atrizes entrarem em cena, o público toma o conhecimento de que o registro daquele espetáculo será feito em formato analógico e digital, que a projeção será analógica e digital. O aparato tecnológico também nos permite ver, por meio da projeção, as atrizes em um espaço e tempo outros. Isto é, no mesmo instante em que elas encenam, há uma segunda narrativa sendo contada. A dualidade está também na mescla entre personagem e sujeito, pois as atrizes não constroem uma personagem com nome, características e conflitos próprios, mas ao mesmo tempo o tom professoral com que uma das atrizes se dirige ao público suscita o questionamento se haveria ali uma tentativa de representar personagem ou se a atriz se desvelando. Outra dualidade que aparece é a fragmentação em situações, situações desconexas, pois ora as atrizes confessam, ora cantam. Mas são situações aglutinadas em atos, 3 atos no total; essa estrutura de ato remete a um preceito clássico ocidental, estrutura essa que as atrizes se mostram opostas em algumas de suas falas. Dual, pois alude ao drama clássico ao mesmo tempo que o espetáculo se estrutura em uma forma épica, ao dialogar com a plateia por exemplo.

Penso que essas dualidades, esses paralelos, possam suscitar a leitura de caminhos ou a leitura dual a respeito da morte. Seja como for, o que permanece é o convívio, quem está ao seu lado nos caminhos.

* Este texto é um desdobramento prático-pedagógico da ação formativa “*Introdução à crítica teatral: por uma poética do olhar*”, ministrada por Guilherme Diniz (MG), como parte da programação da 35ª Semana Luís Antônio Martínez Corrêa *

Apoio:



Parceria:

Realização:

Secretaria Municipal de Cultura e Fundart



Prefeitura Municipal de Araraquara